

Gente en obra: notas sobre o dissenso

Desirée de Barros Ferreira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

Palavras-chave: fotografia, escrita, leitura, feminismo.

El que inicia el viaje, prepara el corazón para el asombro

Fotografar, escrever, ler. As três linguagens se retroalimentam em um movimento infinito e sedimentam um processo artístico que navegam entre a teoria e a prática. Sou uma artista-pesquisadora que toma notas e registra o que vê, sente e lê como expressão de existência. E faz arte.

Na busca de experimentações e reflexões, na provocação a partir do dissenso, a proposta inicial que havia enviado ao *VIII Seminario Internacional de Pesquisa en Arte y Cultura Visual (SIPACV)* envolvia os questionamentos que circundam o processo de criação da atual pesquisa que realizo em artes visuais em uma investigação teórico e/ou prática. *Como trabalhar a partir de relatos de outras artistas de forma ética e responsável?* O interesse no tema começou quando o fotografar alinhou-se à prática do caminhar. E ao caminhar, passei a enxergar uma mulher sozinha atrás da câmera. Assim nasceu a dissertação *Até onde ela vai? muro, corpo e cidade: uma prática artística feminista em deslocamento* realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na UFRGS (PPGAV), entre 2018 e 2020, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Claudia Vicari Zanatta que pode ser acessada no link (<https://bit.ly/3uWLQly>). Durante a pesquisa, uma das conclusões foi a essencialidade do coletivo para a dissertação. Eu era apenas a ponta de um fio que se entrelaçava a muitas outras artistas e escritoras que também haviam pensado e vivido tais questões.

A partir de tais reflexões surgiu *Uma Mulher Que*. O projeto integra a pesquisa de doutorado em desenvolvimento na área de artes visuais na UFRGS. A proposta é a coleta de diferentes relatos de mulheres que geram imagens, os relatos estão relacionados à experiência de ser mulher. A primeira chamada ocorreu de forma virtual e estava atrelada a Porto Alegre/RS — cidade em que a artista vive e trabalha. Ao ler as respostas, cada escrito entrava em mim como uma faca. A partir dali, reconheci a urgência em refletir sobre a pesquisa artística como prática poética de responsabilidade. Ao encontrar a chamada aberta do *VIII SIPACV* com a proposta *Desencuentros: Misturas y colaboraciones en lo poético-político* (Universidad de la República, 2025) em um formato de assembleia, a oportunidade de compartilhar de uma proposição a partir das reflexões sobre a responsabilidade ética da pesquisa artística se

evidenciou. No início de agosto, entre os prédios da universidade ou nas ruas de Montevideu, o ato de fotografar, escrever, ler acompanharam os dias, porém, a escuta e o silêncio reivindicaram o espaço. No retorno, já em meu canteiro de obras, trabalhei a partir das fissuras oriundas das discussões e debates, afinal, como foi dito na abertura do seminário pela ativadora da assembleia a, Prof^a. Dr^a. Mónica Marcell Romero Sánchez: *El que inicia el viaje, prepara el corazón para el asombro*.

Desencuentros

Investigar com todo o corpo, deixar-se afetar. Foi com esta intenção que atravessei a fronteira do Chuí, na companhia grupo de pesquisa *CNPq Poéticas da Participação*, em direção Montevideu/Uy, para participar do *VIII Seminario Internacional de Pesquisa en Arte y Cultura Visual (SIPACV)*. Ao escolher tomar notas, a partir de estímulos externos que atravessam o corpo e atingem os cinco sentidos, permaneço em estado de observação e escuta atenta, criando uma constelação de momentos transformados em imagens e/ou palavras.

É preciso começar a partir do meu corpo. Sou uma mulher branca, classe média, cis, artista-pesquisadora. E, como a escritora Adrienne Rich (1994) desenvolve em *Notas para Uma Política da Localização*, é desde essa geografia próxima que devemos partir, pois “aqui, pelo menos, sei que existo, que sou aquele ser humano vivo, individual [...]”. (Rich, 2002, p. 17). Parto desde a certeza individual de que o trabalho na rua é diferente para uma artista mulher. Compreendo que sou a ponta de um fio coletivo que me liga a mulheres que já trabalharam o tema. Carrego no corpo, além da minha história, a defesa do feminismo e as vivências de outras. E, tal como a escritora Leslie Kern (2021) escreve no livro *Cidade Feminista*:

Como mulher, minhas experiências urbanas cotidianas estão profundamente ligadas ao gênero. Minha identidade de gênero molda como eu me movo pela cidade, como vivo meu cotidiano e as opções que estão disponíveis para mim. (Kern, 2021, p. 21 e 22).

Destaco, porém, que, em uma sociedade construída sobre os pilares do racismo e do sexismo, crio desde um lugar de privilégio social. Busco uma fotografia instintiva que nasce de uma casualidade. Um enorme olho. Deixo a imagem vir acompanhada da necessidade de capturá-la. Durante os dias em Montevideu, levei uma câmera Nikon D600 com um lente 35mm, além de uma caderneta preta. E no retorno, a partir da coleta feita lá, retornei ao canteiro de obras para a construção de algo que abordasse as práticas daqueles dias.

A definição do canteiro de obras, surge da leitura da escritora francesa Annie Ernaux, no livro *A escrita como faca e outros textos* (2023), a autora aborda em vários momentos um processo de criação que envolve diários, fotografias e folhas soltas que integram um canteiro de obras que ela vê como uma projeção da totalidade. “Na prática, esse canteiro de obras é feito de diferentes pistas, de indicações de exploração — que o diário de escrita explicita, sistematiza nos piores dias, para “ver com mais clareza” [...]” (Ernaux, 2023).

O encontro com a escrita da Annie Ernaux se iniciou na leitura de *O Acontecimento*. A busca da autora por escrever a partir do vivido, escavar a

memória em busca de algo indefinido, ensina a potência da palavra. E o canteiro de obras é a representação deste espaço do pensamento físico inacabado. Ele é o ateliê do artista, porém ausente da aura da qual distancia o artista do ato de trabalhar, alguém que está a obrar no cotidiano. Annie Ernaux carrega uma relação próxima com a fotografia: “A foto constitui um ativador da escrita, talvez mais que da memória,” (Ernaux, 2023, p. 2204). A própria escrita da autora é fotográfica. Ao ler livros como *O Acontecimento* ou *O Lugar*, mergulhamos em uma narrativa metódica, direta e imagética. Ernaux não quer contar, ela quer produzir a sensação do que ela sentiu. Para a autora, a escrita atravessa diferentes desejos. Annie Ernaux e Marc Marie realizaram o livro *L’usage de la photo* (O uso da foto) em coautoria. Publicado em 2005, foi realizado enquanto estavam em um relacionamento amoroso. Em um determinado dia, decidem fotografar a imagem das roupas espalhadas no chão. Conforme é apontado por Letícia Campos de Resende é a primeira vez que a fotografia aparece visivelmente no trabalho de Annie Ernaux, como objeto do fazer literário. “[...] é como elemento estruturante da obra que as fotografias se destacam, servindo não como mero auxílio à escrita, senão como sua base fundadora: não existiria escrita se esta não tivesse sido precedida pelas imagens [...]” (Resende, 2025, p.89).

A artista francesa Sophie Calle realiza investigações e inserções poéticas de um âmbito pessoal na vida compartilhada, em um jogo ambíguo entre a realidade e a ficção, aproximando a fotografia e a palavra em suas obras, gerando algo novo. No trabalho *Suite Veneziana* (*Suite Vénitienne*, 1979), após ficar anos no exterior, retorna a Paris e começa a caminhar pelas ruas da cidade, conversar com os transeuntes, fazer anotações e fotografar (Calle, 2015). Em um dado momento, um homem desperta a sua atenção e Calle o segue até o perder de vista. Ela descobre que o homem iria a Veneza no dia seguinte e resolve fazer o mesmo para prosseguir sua investigação. A artista veste o papel de detetive até perder o interesse no assunto. A partir da obsessão ou exercício performativo, surge o livro *Suite Veneziana*. Acessar o *Suite Veneziana* é acompanhar um jogo performático realizado em distintas linguagens. Destaco dois aspectos da obra: a escrita predominante de um registro de observação, como um diário e a presença do eu. Tais características aparecem nos trabalhos que desenvolvo atualmente.

A busca por traduzir uma sensação, um sentimento, uma vivência é uma das intenções que busquei ao participar do VIII SIPACV. Desde o primeiro dia, ao absorver e envolver um fluxo de conversas, sons, imagens, me vi em um lugar de tensão. Os participantes foram divididos em assembleias e na qual fui designada, as propostas feita pela ativadora Prof^a. Dr^a. Mónica Marcell Romero Sánchez foram permeadas de desencontros compartilhados e discutidos coletivamente.

O que é comum? O que sentem? O que inquieta? A primeira proposição me jogou em uma inquietação, pois a partir dos objetos solicitados anteriormente pelo e-mail, as três perguntas foram propostas. As indicações é que os objetos deviam vinculados a pesquisa, provenientes do lugar de origem, versáteis, simbólicos, afetivos, abertos e com múltiplas leituras. Para realizar a atividade, o grande grupo foi dividido em grupos menores e deveríamos:

- 1- Apresentar os objetos e discutir sobre;
- 2- Responder às perguntas: O que é comum? O que sentem? *O que inquieta?*
- 3- Escolher um integrante para relatar a disclusão para a assembleia.

Seis pessoas integravam o grupo do qual fiz parte: quatro mulheres, dois homens. Duas familiarizadas com a minha poética e vice-versa; o restante não. Ao mostrar o objeto de pesquisa, compartilhei que um relato dos temas da tese de doutorado, optando por destacar a escrita, a fotografia e o feminismo. Ao buscar aportar a importância da leitura de referências mulheres, o objeto foi um bloco de anotações com a pergunta: *“Qual foi a última mulher que você leu?”*

A pergunta é oriunda do fato de que, desde que me recorde, crio rodeada de livros. Eles ditam o compasso no início, meio e fim de uma pesquisa. Parte da poética provém da estante da figura 1 que está sempre em transformação. Organizo, reorganizo e espalho os livros na busca de algo que não sei o que é. E sempre encontro as respostas. A estante é uma das protagonistas responsáveis por armazenar autoras como Annie Ernaux, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Rebecca Solnit e Susan Sontag que fazem parte de uma constelação de mulheres que são referência. Se a arte e a vida são uma coisa só, como vou suprimir da poética algo que me sustenta?



Fig. 1. A estante, 2024.
Fonte: Acervo da artista.

Encontrei como resposta, a aceitação de um trabalho que não somente é atravessado pela leitura e pela escrita, mas também são elas. Susan Sontag se torna uma referência fundamental ao me fazer enxergar a importância dos livros. As primeiras leituras que fiz dela foram *Sobre Fotografia* (2004) e *Diante da Dor dos outros* (2003) durante a faculdade de jornalismo. Por pensar a imagem e amar a fotografia, me identifiquei quando descobri que ela era uma leitora voraz. O ato de ler é presente nos escritos e nas entrevistas. No ensaio *Uma Carta para Borges*, do livro *Questão de Ênfase*, Sontag escreve uma homenagem de uma leitora para um grande leitor, Jorge Luis Borges, em função dos dez anos da sua morte. A autora conta sobre como os livros são vistos como uma espécie em extinção por não se encaixarem no mundo contemporâneo e escreve o seguinte sobre o ler: “algumas pessoas pensam na leitura apenas como um tipo de fuga: uma fuga do mundo

cotidiano “real” para um mundo imaginário, o mundo dos livros. Livros são muito mais. São um modo de ser plenamente humano.” (Sontag, 2005, p. 1906-1908). A leitura me tornou quem eu sou, me possibilitou a sensibilidade que influencia hoje a minha arte.

O objeto com a pergunta “Qual foi a última mulher que você leu?” retornou às minhas mãos e guardei escritos para comporem a biblioteca pessoal. Ao escutar os objetos dos integrantes, a única conexão com a da Prof^a. Dr^a. Claudia Vicari Zanatta que trouxe a estante desenhada em papel kraft para escrevemos os títulos de livros. Diante da necessidade de responder às perguntas *O que é comum? O que sentem? O que inquieta?* Finalizei o primeiro dia da assembleia com um incômodo compartilhado no segundo dia com todos. Durante os dias de assembleia, diante dos debates, desencontros surgiram. As reflexões, dúvidas, questionamentos foram sendo alimentados e ficaram entranhados em meu retorno. Ao chegar em Porto Alegre, em meu canto de obras, gastei imagens, incômodos e em um dia, as imagens nasceram, surgindo o ensaio *Gente en obra*.

Gente en obra



Fig. 2, 3 e 4. Desirée Ferreira: *Gente en obra*, 2025.

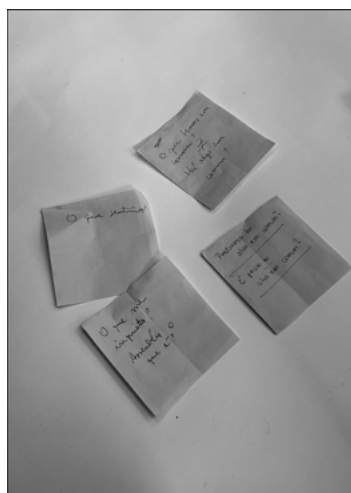




Fig. 5, 6 e 7. Desirée Ferreira: Gente en obra, 2025.



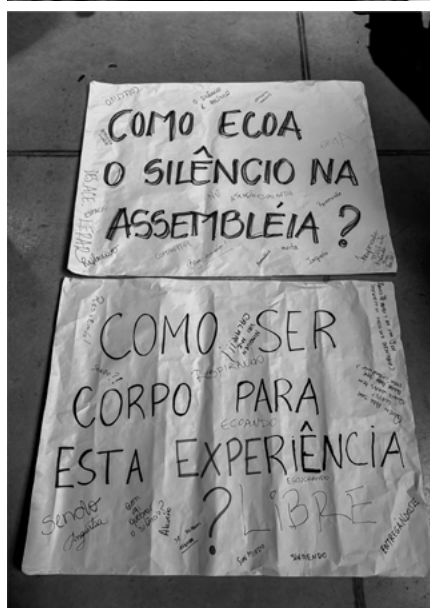


Fig. 8, 9 e 10. Desirée Ferreira: Gente en obra, 2025.



Fig. 11. Desirée Ferreira:
Gente en obra, 2025.

Referências

Livro

ERNAUX, Annie. **A escrita como faca e outros textos**. Trad. Mariana Delfini. São Paulo, SP: Fósforo, 2023. ePub.

KERN, Leslie. **Cidade Feminista**: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens / Leslie Kern ; [tradução de] Thereza Roque da Motta. Rio de Janeiro: Oficina Raquel; 2021. 155 p.

SONTAG, Susan. Questão de ênfase: Ensaio (Portuguese Edition) (p. 152). Companhia das Letras. Edição do Kindle.

Capítulo de livro

Rich, Adrienne. Notas para uma política da localização. *In*: MACEDO, Ana Gabriela. (Org.). **Gênero, identidade e desejo: Antologia crítica do feminismo contemporâneo**. Lisboa: Edições Cotovia, 2022. p. 15-35.

Resende, Letícia de Campos Resende. Fotografia, uso e aura em L'Usage de la photo, de Annie Ernaux. *In*: ARBEX-ENRICO, Márcia; RESENDE, Letícia Campos de; ARANTES, Júlia Carolina (Orgs.). **A fotoliteratura em exposição**. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras, 2025. (Viva Voz). p. 87-99.

Documentos electrónicos

UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. **Convocatoria SIPACV. 2024**. Disponível em: <https://www.artes.udelar.edu.uy/convocatoria-sipacv/>. Acesso em: 13 set. 2025.

Desirée de Barros Ferreira

Desirée Ferreira é doutoranda e Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS (PPGAV/UFRGS) na área de concentração em Poéticas Visuais na linha de pesquisa Linguagens e contextos de criação. Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela ESPM-Sul. É membro do grupo de pesquisa CNPq Poéticas da Participação. Em seu trabalho desenvolve a pesquisa sobre a ocupação e a transformação do espaço urbano, abordando temas como a relação das mulheres com a cidade. Desenvolve projetos em diferentes linguagens como a fotografia, a escrita e o vídeo. Já participou de diversas exposições.